

Apresentação

Este dossiê convida a percorrer um conjunto de reflexões que tomam a literatura e o teatro como campos privilegiados para pensar as tensões, os conflitos e as possibilidades de nossas vidas em sociedade. Ao entendê-los como territórios participantes da experiência coletiva, esses fazeres artísticos configuram-se como espaços de leitura crítica do mundo, capazes de tensionar hierarquias, dar visibilidade a sujeitos e narrativas historicamente silenciados e propor outras formas de compreender o tempo presente. Ao reunir pesquisas que articulam produção literária e teatral às suas condições de produção, circulação e recepção, este dossiê parte do pressuposto de que arte e sociedade não são instâncias que se tocam apenas ocasionalmente, mas dimensões constitutivamente entrelaçadas, o que nos conduz, de imediato, a uma discussão incontornável: a das relações entre Arte e Política.

Ao buscar estabelecer diálogos entre literatura, teatro e sociedade, há, muitas vezes, uma retórica que tende a estabelecer um conjunto de regras de conduta, que impõem uma separação de campos, sob pena de destituir o caráter estético e autônomo atribuído às obras artísticas. Não faltam adjetivos, de cunho depreciativo, para determinar certos objetos estéticos como: “militante”, “panfletário”, “pedagógico”, “didático”, como se a associação entre os campos fosse um aspecto reducionista para obras de arte. Discursos como esses, sob a batuta de uma pretensa pureza na arte, costumam dissociar a expressão artística dos processos humanos, históricos e sociais. Consequentemente, são capazes de produzir um falseamento do próprio fazer estético e artístico, que está imerso nessas questões, ainda que saibamos que a fruição dificilmente se reduza a leituras simplistas e separadoras entre arte e sociedade. Para Rancière, a própria natureza da escrita literária está vinculada a uma forma política e a uma prática coletiva. E a escrita literária, por sua vez, também pressupõe uma comunidade de leitores(as) e autores(as), assim como o teatro – seja como espetáculo, seja como dramaturgia – que pressupõe a presença de leitores(as), espectadores(as), atores(atrizes), encenadores(as); ou seja, também se relaciona a um compartilhamento coletivizado. É justamente essa compreensão da arte enquanto prática estética e social que orienta as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos em Letras e Artes Performativas (NELAP), da Faculdade de Letras da UFMG, há mais de 20 anos. O NELAP, após o produtivo I Colóquio Literatura, Teatro



e Sociedade, realizado em 2024, organizou a presente chamada para este Dossiê, na expectativa de dar continuidade e ampliar o diálogo iniciado no evento, entre pesquisadores(as) e interessados(as) nas relações sempre inquietas entre o literário e o cênico, nos seus desafios sociais e políticos.

Amparados(as) pela percepção de que toda produção dialoga com seu tempo e contexto, seja de criação ou de leitura, propomos este número dedicado aos saberes da arte para pensar os desafios contemporâneos. Assim, pesquisadores(as) de várias instituições educacionais brasileiras e, também, participantes do NELAP trouxeram contribuições caras aos estudos literários e teatrais. Textos que partem do diálogo entre a literatura dramática e as artes da cena, ou mesmo relações entre artes como espetáculos, romances e dramaturgias. O conjunto de artigos, reunidos na presente edição, discute aspectos estéticos, políticos e sociais, bem como amplia os horizontes críticos para produções de grupos e artistas brasileiros, de outros países latino-americanos, além de europeus e norte-americanos, a partir de um diálogo profícuo entre sociologia, filosofia, estética, literatura e teatro.

O dossiê inicia com um ensaio teórico-crítico de Júlia Morena Costa, intitulado *O real como pacto: invenção, manipulação e efeitos do real no teatro latino-americano contemporâneo*. Com argúcia teórica, a pesquisadora transita entre conceitos de teorias literária e teatral: o real e o ficcional. Sua pesquisa consiste em pensar os procedimentos como a realidade irrompe o espaço ficcional, de modo a promover uma tensão entre as noções aparentemente claras entre ambos. Seu corpus de análises são dramaturgias e espetáculos latino-americanos contemporâneos: *Mateluna* (2016), do chileno Guillermo Calderón; *Tijuana* (2015), do coletivo mexicano *Lagartijas Tiradas al Sol*; *Reconstrução de uma ausência* (2020), do argentino Gonzalo Marull com direção de Marcelo Moncarz; e *Imprenteros* (2019), da argentina Lorena Vega. Por meio dessas peças, a ensaísta delinea um jogo de possíveis fissuras aos sentidos de “real” e de “ficcional”, as quais são elaboradas, ou mesmo manipuladas, pelos espetáculos. Tal procedimento exige um diálogo também profícuo entre o espetáculo e seu espectador, uma vez que este último precisa assumir um posicionamento frente ao espetáculo que lhe é apresentado, com o fito de realizar um pacto com aquilo que está diante de seus olhos.

O seguinte artigo também toca a questão do real no processo de criação dramatúrgica na América Latina, mas o faz por outra perspectiva. Sara Rojo, em seu texto: *Nona Fernández: memoria y revuelta*, a partir de duas peças: *El taller* (2012) y *Liceo de niñas* (2016), traz para a cena os modos como a memória (coletiva e histórica) chilena é um elemento de construção estética, bem como um exercício ético para artistas latino-americanos, na contemporaneidade. Ao trazer a obra de Fernández, Rojo dialoga tanto com o teatro chileno contemporâneo como também com produções dramáticas brasileiras. O artigo, escrito em língua espanhola, convida outros pesquisadores a se debruçar no trabalho da dramaturga chilena, a partir do prisma da memória. Uma obra que reelabora o passado histórico e o imaginário político daquele país. Por meio da ironia, e mesmo com um ar de deboche para certas personagens históricas, a pesquisadora propõe que a obra de Fernández não seria uma mera denúncia ou lamentação do passado, mas sim um choque entre os tempos capaz de gerar questionamentos sobre o presente, seja o chileno, ou o de outros países latino-americanos.

Questões estéticas e políticas de dramaturgias chilenas, como o de Sara Rojo, são abordadas por Sabrina de Oliveira Moura, em seu texto: *O canto como elaboração simbólica frente a violência em Hilda Peña, de Stevenson*. No estudo, a autora propõe uma leitura sensível dos procedimentos poéticos empenhados pela dramaturga Isidora Stevenson, no texto *Hilda Peña* (2013). Apoia-se no aspecto formal do texto, para discutir o modo como essa forma alia-se a cantos provenientes da cultura Mapuche. O relato de Hilda Peña se configura como uma canção, que busca uma forma para lidar com o abandono, a solidão, o acolhimento e a violência.

Ao narrar como um menino abandonado e em condições de fragilidade adentra a sua vida, antes solitária, a personagem tece uma poética que envolve as relações afetivas que são construídas entre ambos, e o luto após o assassinato do garoto, pelo braço estatal policialesco.

Percorrendo o espaço da América Latina, Michel Silva Guimarães aborda a dramaturgia do argentino Cesar Brie, em *Ciclopito*, *Ciclopucho*, *Ciclopón: O mito do Ciclope na poética de Cesar Brie e na encenação de La Tropilla*. Como o próprio título indica, o articulista propõe um estudo comparativo entre o texto dramático e o espetacular, partindo de uma análise que envolve tanto imagens verbais, bem como os cantos, quanto a gestualidade dos atores em cena e os artifícios cênicos utilizados pelo grupo La Tropilla. Para além dessa comparação o texto também discorre sobre processos intertextuais entre os textos clássicos, de Homero e de Eurípedes, com o texto latino-americano, o qual se debruça sobre questões políticas e sociais que envolve sociedade e território latino-americanos, em especial, o boliviano, visto que boa parte da produção do dramaturgo Cesar Brie se deu nesse país.

Assinado por Patrícia Names, *A reconfiguração do trágico: surrealismo e elementos do teatro do absurdo na dramaturgia de Los Traidores, de Silvina Ocampo e J.R.Wilcock* é um texto que também aponta para a relação entre a produção latino-americana e o universo clássico. Propõe uma leitura do texto de Ocampo e Wilcock, a partir dos mecanismos utilizados pelos dramaturgos argentinos que relacionam as estéticas de tragédias clássicas greco-latinas com modos de composição do século XX. A pesquisadora entrelaça as relações intertextuais de Los Traidores com a tragédia Eumênides de Ésquilo, bem como analisa a aproximação executada pelos textos com as propostas temáticas e formais do surrealismo do início do século XX, assim como da produção europeia do pós Segunda Guerra, cunhada por Martin Esslin com o Teatro do Absurdo.

Ainda sobre a produção nos países latino-americanos de língua espanhola, a pesquisadora Carla Dameane Pereira de Souza conduz o leitor para as experiências teatrais coletivas bolivianas. A autora, por meio de um percurso histórico-crítico do cinquentenário de uma das mais célebres montagens do grupo Teatro Runa. Ao longo do artigo, *50 anos de Vida, pasión y muerte del Atoñ Antoj* (1976) do *Teatro Runa: documento da memória do teatro de grupo e da criação coletiva no teatro boliviano*, discute-se tanto aspectos ligados às formas de produção coletiva na América Latina, quanto índices de “andinidades” que a histórica peça mobiliza. A figura do “Antoj” (raposa) é um importante elemento simbólico para as culturas andinas e bolivianas. A fim de manejar esses índices com a situação política no país, e em outros países da região, na década de 1970, o grupo parte tanto de contos populares e de músicas folclóricas para criar uma montagem capaz de conciliar identidade, memória e política.

Ao aportar em terras brasileiras, Renata Flores Serra Lima propõe uma discussão intermediária entre a intimidade de cartas e o espaço público do teatro. O sétimo artigo, *Rapsódia e escrita epistolar em Eu de Você*, opera uma leitura que relaciona o ato de dramatizar, ou melhor, levar à cena os relatos de uma carta. Para tanto, Serra Lima toma o espetáculo *Eu de Você* (2019), encenado pela atriz Denise Fraga, que também compõe a equipe de dramaturgia do texto. Para a articulista, o gesto de corporificar as cartas pode ser compreendido como um gesto ético e político. Ao transpor o universo íntimo de uma pessoa para a esfera pública, as histórias de determinados sujeitos ocupam a centralidade de um discurso, que originalmente se dava apenas entre remetente e receptor. Esse estudo, ao discutir uma das cartas lidas/encenadas pela atriz, ganha uma dimensão corpórea e de compartilhamento entre atriz e seus espectadores, de modo que a performance no palco provoque o espectador a também partilhar dessas experiências e memórias, as quais muitas vezes podem lhes tocar de forma profunda.

A sátira na cena teatral de Milson Henriques em Animais, não desanimais, de Moraes Padilha Soares et al., propõe discutir a sátira e a alegoria como instrumentos de denúncia e de contestação política. Embora fosse elaborada como peça infanto-juvenil, o texto de Henriques, escrito no final da década de 1960, foi em um primeiro momento negado pela censura e depois liberado, com a classificação para maiores de 18 anos. A obra, do dramaturgo carioca radicado no Espírito Santo, é uma peça de grande teor de resistência, a qual se valeu dos procedimentos satíricos e alegóricos para burlar os órgãos censores à época, tal como outros artistas o fizeram no mesmo período. Logo, o artigo, ao apresentar um estudo do teatro capixaba, aponta uma característica comum à arte teatral brasileira, e de outros países latino-americanos, de contestação e resistência ao estado militar de perseguição e de violência a agentes culturais.

Galvão Elisei, em seu estudo *A cena e a narrativa como espaços de resistência em A prova de fogo, de Consuelo de Castro e As meninas, de Lygia Fagundes Telles*, apresenta uma leitura que tece uma abordagem sobre uma dramaturgia e um romance escritos no período de grande repressão política brasileira. Para a articulista, essas obras revelam não somente o caráter empenhado e crítico da produção artística, como também podem ser lidos como documentos de memória e de resistência. Uma contestação marcada principalmente pelo recorte de gênero, uma vez que o olhar e percepção, bem como os procedimentos de escrita e a própria fabulação das obras são engendrados através do ponto de vista de mulheres politicamente posicionadas no universo cultural artístico do país. Textualidades que questionam tanto aspectos da micro e da macro política, pois as obras apontam para circunstâncias vivenciadas pelas mulheres do país, não somente no período ditatorial. Em outras palavras, o artigo busca destacar como as obras dessas mulheres trazem à baila realidades femininas e os modos como estas foram atravessadas pelos tempos de violência institucionalizada da ditadura militar.

O campo político da dramaturgia brasileira tem no nome de Jorge de Andrade uma de suas grandes referências. Essa estética do dramaturgo paulista é abordada no artigo *Falas que não se ouvem: a incomunicabilidade entre classes na dramaturgia de Jorge de Andrade*, de Hugo Paes. O estudo revela como o espetáculo *Receita* (1968) lida com as diferenças de classes sociais presentes não só em seu aspecto econômico, mas também na linguagem. A obra responde à pergunta “O que pensa você do Brasil hoje?” ao denunciar a brutal desigualdade social e o abismo de comunicação entre as classes. A incomunicabilidade é o eixo dramático central da peça: o embate entre um jovem médico recém-formado e uma família miserável revela não apenas o fracasso da medicina institucional frente à fome e ao abandono, mas também a completa ruptura entre saber técnico e vivência popular. Uma obra feita para compor a I Feira Paulista da Opinião, organizada pelo Teatro de Arena, em meio ao conturbado contexto de censuras e perseguições impostas pela ditadura civil-militar entre 1964 a 1985.

Um encontro intercultural é proposto por Rodolpho Amaral em *Vento e corisco: tempestade intertextual em “Uma A outra tempestade”, de Guilherme Contijo Flores e André Capilé, e “Próspero morreu”, de Ana Luísa Amaral*. Tomando a obra *A tempestade* de William Shakespeare, esse estudo propõe os modos como artistas brasileiros e portugueses se apropriaram das figuras mitológicas criadas pelo escritor inglês do século XVI. A obra dos brasileiros Flores e Capilé tomam por base, além do texto do renascentista, a releitura feita da mesma obra pelo martinicano Aimé Césaire. A transposição para terras tupiniquins é feita por meio da inserção do universo da MPB e das culturas afro-diaspóricas brasileiras ao texto. Já a releitura da portuguesa, Ana Luísa Amaral, resgata personagens centrais da obra do bardo inglês, associados a outras personagens mitológicas da tradição literária, como heróis e heroínas gregas. No texto português há claro recorte temático para questões de gênero e sexualidade bem como para o universo *queer*.

A intertextualidade de artistas como Henrik Ibsen e Arthur Miller é a tônica para que Vanessa Cianconi desenvolva seu estudo. *O palco assombrado de Arthur Miller: Uma leitura de The Enemy of the People (1951)*. Além da intertextualidade entre os autores, no estudo, a autora aborda sobre a obra de Miller – composta em meio ao período Macartista, nos EUA –, a partir da perspectiva do italiano Antonio Negri, em seu ensaio: “Specter’s Smile” (2008), quando este remete à presença do *Unheimlich* na pós-modernidade tardia e, como nela estamos inseridos. Consoante aos pensamentos do filósofo, Cianconi mobiliza a ideia de espectralidade, em que a obra de Miller está condicionada, para pensar como o fantasma de Henrik Ibsen assombra a reescritura da peça de Arthur Miller. O efêmero aprendizado com o passado, a incompreensão do presente e a ansiedade em relação ao futuro fazem os mortos voltarem para clamar, através de palavras, o presente e o futuro.

Marta Brites Rosa, em *Um olhar contemporâneo sobre a representação da condição feminina no teatro setecentista*, convida os leitores a reconhecer como intermezzos da cena portuguesa do século XVIII refletem as contradições presentes na sociedade entre as questões de gênero, homem e mulher, ou marido e esposa. Rosa analisa como aquelas formas teatrais, por mais que reforçassem a moral patriarcal pelo teor didático, também poderiam ser vistas como índices críticos. Ao expor as problemáticas de mulheres que querem viver suas vontades e desejos de sociabilidade, valendo-se do humor, essas curtas cenas podem ser lidas como um sintoma das contradições na relação matrimonial da sociedade portuguesa e europeia dos setecentos. Um olhar contemporâneo sobre estes enredos, permite compreender que apesar de apresentarem um final que reforça a submissão feminina, estas peças evidenciam um debate emergente sobre os direitos e desejos das mulheres na sociedade portuguesa do século XVIII.

Já o último artigo, *Macbeth e Macbett, de Shakespeare a Ionesco*, cuja autoria é de Isabella Albuquerque Gonçalves, é elaborado a partir da comparação entre a releitura feita por Eugène Ionesco de umas das mais célebres tragédias de William Shakespeare. Por meio de subversões ao texto do século XVI, Ionesco elabora um jogo paródico, o qual atribui aspectos da estética do absurdo à sua dramaturgia, além de contextualizar sua poética ao horror ocasionado pelas I e II Guerras. A ideia de disputa pelo poder, atingindo seu limite para tal conquista, está na base de ambas produções, a qual, segundo a pesquisadora, confere um olhar contemporâneo tanto a Shakespeare quanto a Ionesco. O tema do poder e da ganância é mantido como central na peça de Ionesco e parece ser a ligação mais sólida entre as duas dramaturgias. *Macbeth* e *Macbett*, colocadas lado a lado neste estudo, apontam para o cânone shakespeariano e as inúmeras possibilidades de leitura e interpretação que dele emergem.

Agradecemos às contribuições de autoras e autores deste Dossiê, bem como às e aos pareceristas e ao trabalho das pessoas envolvidas com a Calígrama: Revista de Estudos Românicos, de modo a continuar a ser uma divulgadora e disseminadora dos estudos da linguagem. Acreditamos que os trabalhos aqui revelam o interesse pela discussão literária, teatral e estética, como campos de saberes relacionados à sociedade e à política.

Boa leitura!

Os editores:

Geison de Almeida Bezerra da Silva

Júlia Morena

Laureny Aparecida Lourenço da Silva